

MOBILIDADE DA POPULAÇÃO BRASILEIRA UM EXEMPLO: O NORTE DO PARANÁ *

Marcos Alegre e

Dalton Áureo Moro

Universidade Estadual de Maringá – PR

A população brasileira continua em grande mobilidade. A proporção de habitantes não residentes nos municípios de origem é bastante significativa no país.

Todavia, nos últimos tempos, vêm ocorrendo importantes mudanças quanto à direção e sentido dos fluxos migratórios, quando comparados aos de algumas décadas passadas. Não são mais os nordestinos e mineiros emigrando para o sul que representam a característica do movimento. Hoje é o próprio sul que “exporta” em larga escala. Só o Paraná perdeu, na última década, cerca de 1,2 milhão de habitantes. O último censo, demonstrou que os paranaenses ou oriundos desse Estado representam 22% dos migrantes no Estado de São Paulo; 52% no Acre, Amapá, Rondônia e Roraima; 37% em Mato Grosso e 44% em Mato Grosso do Sul. Em todas essas unidades da federação as pessoas originárias do Paraná ocupam o 1º lugar entre os migrantes. E cerca de 80% deles migraram no quinquênio anterior ao do censo, isto é, entre 1975 e 1980 (Tabela I).

O êxodo rural no Brasil permanece constante, todavia, recrudescendo no último decênio. O censo de 1980 acusa, pela primeira vez, no Brasil, valores absolutos da população rural em números menores que os do censo anterior. Em 1970, foram computados como rurais mais de 41 milhões de pessoas, enquanto que no de 1980, esses números caíram para 39 milhões (Figuras I e II). A perda representa 6%, mas no Paraná, a queda chegou aos 29%. E este valor é tanto mais alarmante quando se sabe que na década anterior – 60/70 – a população rural do Estado aumentou em 48%! Dos quase 3 milhões de rurais perdidos pela perda do Paraná (Tabela II).

Em contrapartida, o ritmo da urbanização continua acelerado, atingindo agora 67% da população brasileira, ou seja, 82 milhões de pessoas que vivem nas áreas urbanas. Essa população cresceu 55% nesta década. As cidades, no geral, tornaram-se maiores. Em 1970, existiam, no país, 58 cidades com mais de 100.000 habitantes, totalizando 52% da população urbana. Já em 1980, elas eram 98 e atingiam 54% da população das cidades no Brasil.

* Notas preliminares de um projeto maior de estudo, que está sendo realizado pelo Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá. Uma notícia prévia sobre elas foi apresentada na forma de comunicação durante o 5º Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Porto Alegre, em julho de 1982.

Neste período, 1970/80, a população de Curitiba passou de 600.000 (9% da população do Estado) para 1.050.000, que representam 14% dos efetivos demográficos do Paraná. Do pequeno aumento de população que este Estado conheceu — 0,96% na década, — representando a menor taxa de crescimento no País —, 57% foram para a capital. Ao mesmo tempo, a região metropolitana de Curitiba, que representava pouco mais de 11% dos totais do Estado, chega agora a quase 20%, fato que evidencia a concentração, cada vez maior, nos grandes centros, em detrimento das áreas periféricas, e, em particular, das áreas rurais.

Os números indicam, sem necessidade de maiores interpretações, que a situação é grave. Milhares de pessoas deixam o campo e emigram em espaço de tempo muito curto, impossibilitando a adaptação às novas condições de vida. As cidades também não estão em condições de absorver todos aqueles que a procuram. Por seu turno o homem do camponão está preparado para a vida na cidade e o resultado é o que se observa, não apenas no Paraná, mas em todo o País. Milhões de pessoas subempregadas ou desempregadas de vez e sem esperança de melhoria, totalmente marginalizadas no processo de desenvolvimento(?) do País.

São muitas as causas que se conjugam para resultar esta situação. Desde a tendência natural, fenômeno universal da urbanização, lenta ou acelerada, seja pela atração que a cidade exerce sobre as pessoas que vivem no campo, ou pelo gradativo progresso e melhoramentos das técnicas de utilização da terra, que liberam mão de obra e mesmo por causa de fenômenos naturais, como a geada, por exemplo, em relação ao café. Este era o processo corrente das migrações campo-cidade, no País, até poucos anos.

Nos últimos tempos, entretanto, recrudescer a preocupação, com fortes incentivos vindos de fora, com a acumulação mais rápida de riqueza e aceleração do processo de desenvolvimento. Mas isto só seria possível — esta a premissa básica que tomou conta dos teóricos da política econômica governamental — através do crescimento baseado na importação, em larga escala, de capitais e tecnologia estrangeiros, bem como, na intensa propaganda para o aumento do consumo, capaz de alterar os hábitos da população.

Os resultados mais imediatos são do conhecimento de todos: grande endividamento e forte dependência do exterior, forçando o País a adotar uma política de produção totalmente voltada para o mercado externo (exportar é a solução!). Esta política redundou na implantação de uma agricultura necessariamente sofisticada, com a utilização de grandes áreas de terra, totalmente mecanizadas e exigindo vultuosos capitais, afugentando, evidentemente, os pequenos proprietários, rendeiros, parceiros e assalariados, resultando, como se viu, na intensa mobilidade da população atingida e compelida a sair em busca de trabalho nas áreas novas e ainda não submetidas ao processo ou para as cidades, onde, em geral, acabam por ser marginalizados.

É evidente que houve benefícios de várias ordens, mas, também, que o preço que o País está pagando por isso é demasiadamente alto.

No Paraná, é na sua região norte que a mobilidade populacional assume maior expressividade, apresentando-se com dois aspectos distintos, mas intimamente ligados em suas origens: 1º — o movimento campo-cidade em seu âmbito regional; 2º — o movimento campo-cidade em seu âmbito interestadual. Numa primeira abordagem, ambos apresentam-se

diretamente vinculados ao processo de substituição de culturas que vem materializando-se na paisagem regional — da cafeicultura pela cultura associada da soja e trigo, com maior intensidade desde o final da década de sessenta, além de outros fatores dele decorrentes, bem como, circunstanciais, estruturais e conjunturais (Figura III).

A cafeicultura — com numeroso emprego de mão-de-obra — foi a atividade produtiva principal que ocupava a maioria das terras da região. Num primeiro momento, foi em parte substituída pela pecuária — 61/68, como resultado dos planos oficiais de erradicação de cafeeiros, somados à erradicação espontânea, que em conjunto liberaram no estado do Paraná uma área de 725.742 ha, ocupados basicamente por pastagens. Num segundo momento — 68/78, a cafeicultura, assim como outras atividades produtivas, são substituídas pela cultura associada da soja e trigo, liberando expressivos contingentes humanos dos campos, parte dos quais urbanizam-se regionalmente e parte emigra para outros estados à procura de novas áreas de terras para trabalhar (Tabela III).

Em 1968, a área ocupada pela cafeicultura, no Paraná, era de 1.150.000 ha, enquanto que a área ocupada pela cultura associada da soja e trigo era tão somente de 172.000 ha. No entanto, decorridos apenas 10 anos, isto é, em 1978, a área ocupada pela cafeicultura decresce para 670.000 ha, enquanto que a área ocupada pela cultura associada da soja e trigo aumenta para 2.340.000 ha (Tabelas IV A e IV B).

Simultaneamente, em termos regionais, isto é, na área "core" da cafeicultura paranaense — o Norte do Estado, a área ocupada pelas lavouras de café, em 1970, atingia 900.000 ha, ao mesmo tempo em que a área ocupada pela cultura associada da soja e trigo somava apenas 122.000 ha. Já em 1978, isto é, no curto espaço de 8 anos, a cafeicultura reduz sua área para 555.000 ha, enquanto que a cultura associada da soja e trigo teve sua área aumentada para 573.000 ha, tornando evidente o avanço dessa cultura sobre as terras ocupadas, principalmente, pela cafeicultura, caracterizando a rapidez do processo de substituição de culturas que instalou-se na região.

Em resumo, no caso do Norte do Paraná, entre 1970 e 1978, a área ocupada pela cafeicultura decresceu em 345.000 ha, ou seja, 38%. Ao mesmo tempo, a área ocupada pela cultura associada da soja e trigo aumentou em 451.000 ha, ou seja 271%, caracterizando regionalmente um novo sistema agrícola.

Este processo de substituição de culturas, que vem ocorrendo no Norte do Paraná, apresenta-se como resultado de uma conjuntura que se estabeleceu na região, francamente desfavorável à manutenção da cafeicultura e, por outro lado, amplamente favorável à implantação da cultura associada da soja e trigo.

Além deste processo de substituição de culturas há que se considerar no âmbito do movimento campo-cidade, a herança da estrutura fundiária da cafeicultura — pequenas e médias propriedades entre 5 e 10 alq., que na nova realidade agrícola da região, tornam-se antieconômicas, conjugado com a elevada valorização das terras mecanizáveis, dificultando a permanência dos pequenos agricultores no campo, mas sobretudo o acesso destes a parcelas maiores de terras, levando-os a emigrar para áreas novas, onde o preço da terra é, ainda, acessível.

Os cartogramas que ilustram este estudo mostram bem o "clareamento" da densidade da população rural por ocasião dos dois últimos censos. Observe-se ainda que é

no norte do Estado — região até há pouco cafeeira por excelência — onde o fenômeno é mais intenso. A tabela II fornece os dados. Houve microrregiões que perderam mais de 50% de sua população rural.

O processo de substituição de culturas — basicamente da cafeicultura pela cultura associada da soja e trigo, a conseqüente valorização das terras mecanizáveis, a herança de uma estrutura fundiária não compatível com o novo sistema agrícola na região — rotação de culturas entre a soja e o trigo, num primeiro momento, apresentam-se como fatores aceleradores que têm contribuído para a expressiva mobilidade populacional no Norte do Paraná.

TABELA I
PARANAENSES QUE VIVEM FORA DO PARANÁ

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	NÚMERO DE PESSOAS (milhares de hab.)		PROPORÇÃO EM RELAÇÃO AOS MIGRANTES	ORDEM DA PROPORÇÃO
	TOTAL	HÁ MENOS DE 5 ANOS NA UNIDADE	%	
São Paulo	590	485	22	1º
Acre, Amapá, Rondônia e Roraima	117	97	52	1º
Mato Grosso	112	93	37	1º
Mato Grosso do Sul	107	88	44	1º
Santa Catarina	62	50	38	2º
Minas Gerais	31	22	7	6º
Rio Grande do Sul	19	14	13	3º
Pará	19	18	6	7º
Rio de Janeiro	15	11	2	14%
Goiás	6	5	2	11º
OUTRAS UNIDADES	22	17		
TOTAL APROXIMADO	1050.000	885.000		

SEGUNDO O CENSO DE 1980, 3.080.000 PARANAENSES VIVEM FORA DE SEU MUNICÍPIO DE ORIGEM. DESSE TOTAL, 80% EMIGRARAM NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS.

FIGURA III
ESTADO DO PARANÁ
FIGURA I

TABELA II
DINÂMICA DA POPULAÇÃO RURAL – 1970/1980
(Segundo as Micro-Regiões)

N.º	MICRORREGIÕES	KM ²	POPULAÇÃO RURAL (milhares de hab.)		DENSIDADE DA POPULAÇÃO RURAL	
			1970	1980	1970	1980
268	Curitiba	8.763	165	115	18,8	13,1
269	Litoral Paranaense	5.851	35	33	6,0	5,6
270	Alto Ribeira	3.485	27	28	7,8	8,0
271	Alto Rio Negro Paranaense	1.595	27	28	16,9	17,6
272	Campos da Lapa	4.752	43	43	9,0	9,0
273	Campos de Ponta Grossa	11.592	78	79	6,7	6,8
274	Campos de Jaguaiaiva	4.354	29	29	6,7	6,7
275	São Mateus do Sul	2.458	34	31	13,8	12,6
276	Colonial de Irati	7.655	98	98	12,8	12,8
277	Alto Ivaí	7.384	84	97	11,4	13,1
278	Norte Velho de Venceslau Braz	6.210	155	120	25,0	19,3
279	*Norte Velho de Jacarezinho	7.406	254	133	34,3	18,0
280	*Algodoeira de Assaí	2.174	88	47	40,5	21,6
281	*Norte Novo de Londrina	10.175	352	177	34,6	17,4
282	*Norte Novo de Maringá	3.722	170	67	45,7	18,0
283	*Norte Novíssimo de Paranavaí	9.930	215	120	21,7	12,0
284	*Norte Novo de Apucarana	7.286	351	210	48,2	28,8
285	*Norte Novíssimo de Umuarama	13.692	510	278	37,4	20,3
286	*Campo Mourão	12.218	434	235	35,5	19,2
287	Pitanga	6.771	98	118	14,5	17,4
288	Extremo Oeste Paranaense	23.128	604	477	26,1	20,6
289	Sudoeste Paranaense	11.622	367	355	31,6	30,6
290	Campos de Guarapuava	16.231	136	158	8,4	9,7
291	Médio Iguaçu	10.606	81	81	7,6	7,6
	Paraná	199.060	4.435	2.896	22,2	14,5

* Observa-se, no quadro que foram as áreas, antes ocupadas com o café, as que mais sofreram perda de população rural na década 70-80.

FIGURA I

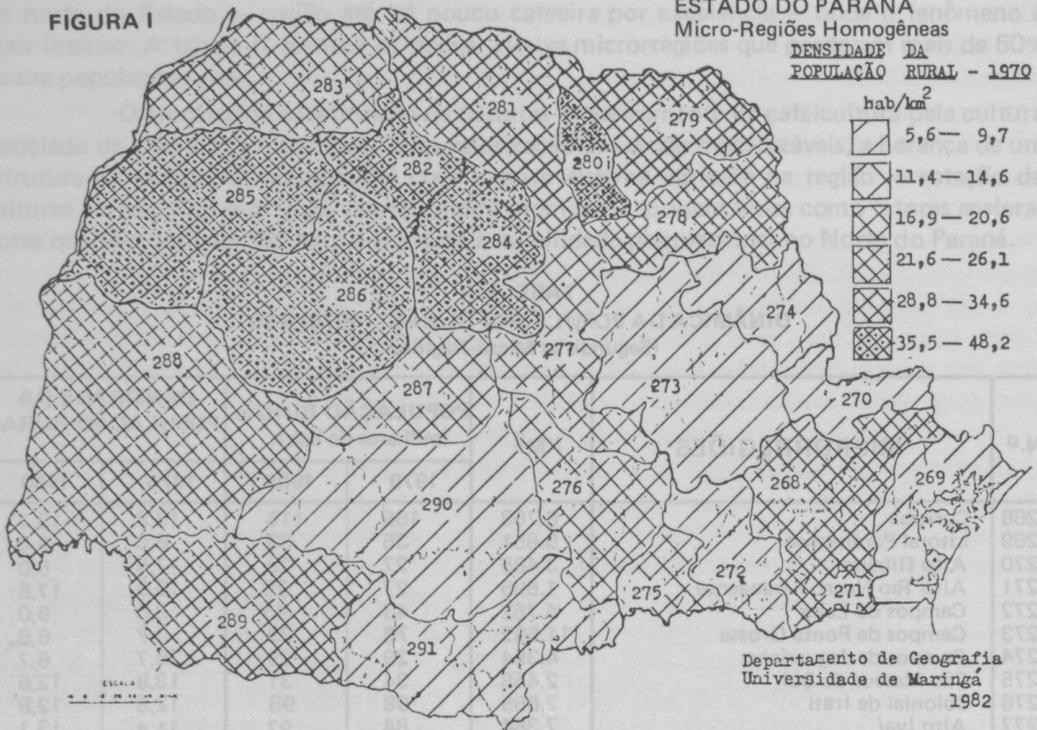


FIGURA II

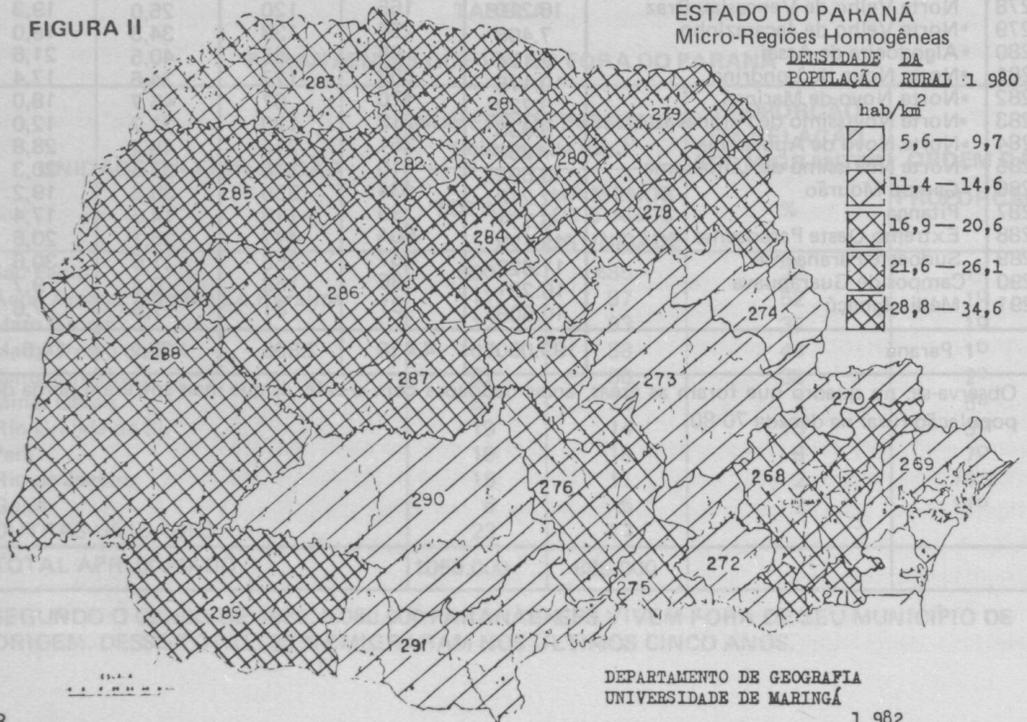


FIGURA III

AS CULTURAS DE ALGODÃO, CAFÉ, TRIGO E SOJA

PECUÁRIA

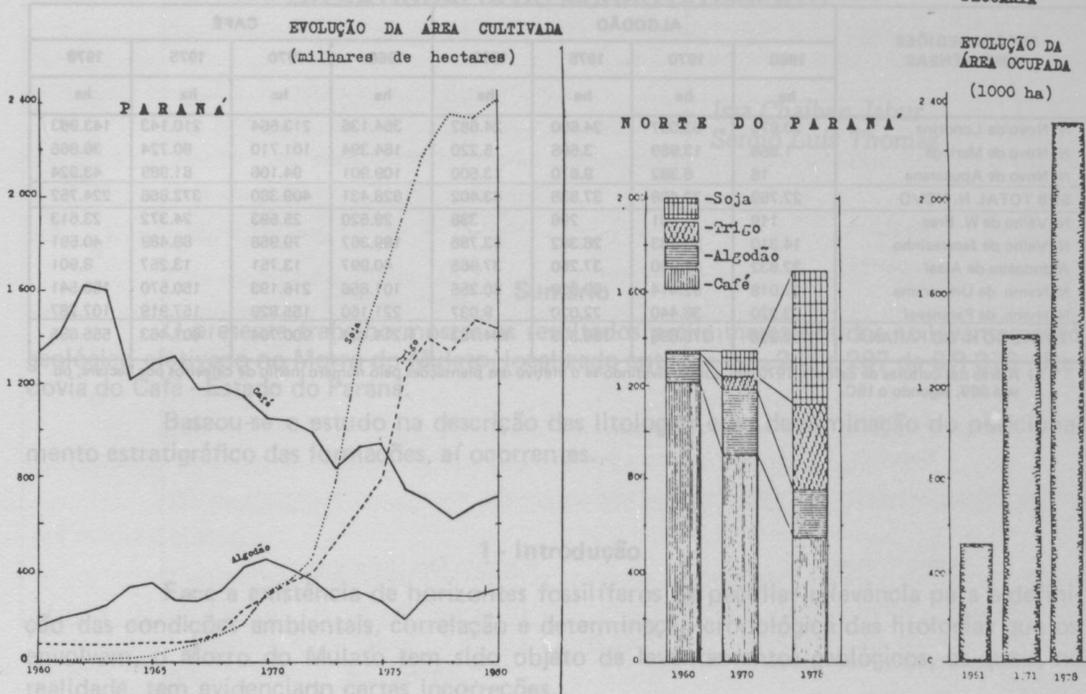


TABELA III
ÁREA OCUPADA PELA PECUÁRIA PARANAENSE NAS MICRORREGIÕES
HOMOGÊNEAS DO NORTE DO PARANÁ - 1961/71/78-BADEP/ACARPA

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	1961 ha	1971 ha	DIFERENÇA ha	% (+ ou -)	1978 ha	DIFERENÇA ha	% (+ ou -)
N. Novo de Londrina	154.916	263.693	108.777	+ 70,22	385.755	122.062	+ 46,29
N. Novo de Maringá	40.153	84.186	44.033	+ 109,66	68.661	15.525	- 18,44
N. Novo Apucarana	41.382	109.877	68.495	+ 165,52	187.478	77.601	+ 70,62
SUB TOTAL N. NOVO	236.451	457.756	221.305	+ 93,59	641.894	184.138	+ 40,23
N. Velho de W. Braz	34.344	66.416	32.072	+ 93,38	163.617	97.201	+ 146,30
N. Velho de Jacarezinho	111.315	126.136	14.821	+ 13,31	222.928	96.792	+ 76,74
Algodoeira de Assaí	18.404	21.712	3.308	+ 17,97	23.432	1.720	+ 7,92
SUB TOTAL N. VELHO	164.063	214.264	50.201	+ 30,60	409.977	195.713	+ 91,34
N. Nvmo. Umuarama	46.217	326.953	280.736	+ 607,43	621.579	294.626	+ 90,11
N. Nvmo. Paranavaí	94.956	428.911	333.955	+ 351,69	641.358	212.447	+ 49,53
SUB TOTAL N. NVMO.	141.173	755.864	614.691	+ 435,42	1.262.937	507.073	+ 67,09
TOTAL NORTE DO PARANÁ	541.687	1.427.884	886.197	+ 163,60	2.314.808	886.924	+ 62,11

TABELA IV A
ÁREA DA CULTURA COMERCIAL DO ALGODÃO E CAFÉ NAS MICRORREGIÕES
HOMOGÊNEAS DO NORTE NOVO DO PARANÁ – 1960, 1970, 1975, 1978 – IBGE

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	ALGODÃO				CAFÉ			
	1960	1970	1975	1978	1960	1970	1975	1978
	ha	ha	ha	ha	ha	ha	ha	ha
N. Novo de Londrina	20.875	53.037	24.600	24.682	354.136	213.564	210.143	143.963
N. Novo de Maringá	1.868	13.989	3.565	5.220	164.394	101.710	80.724	36.865
N. Novo de Apucarana	16	6.382	9.670	13.500	109.901	94.106	81.989	43.924
SUB TOTAL N. NOVO	22.759	73.408	37.835	43.402	628.431	409.380	372.856	224.752
N. Velho de W. Braz	119	31	296	338	29.520	25.593	24.372	23.613
N. Velho de Jacarezinho	14.310	33.583	26.382	43.786	189.367	79.958	88.489	40.591
Aldoieira de Assaí	32.832	37.820	37.250	37.965	40.997	13.751	13.257	8.901
N. Nvmo. de Umuarama	27.018	92.414	69.590	60.255	101.656	216.193	150.570	150.541
N. Nvmo. de Paranavaí	23.220	36.440	22.020	9.037	221.160	155.829	157.919	107.287
TOTAL DO N. DO PARANÁ	120.258	275.696	188.373	194.783	1.211.131	900.704	807.463	555.685

(* *) A área das culturas de café em 1970, foi obtida dividindo-se o efetivo das plantações pelo número médio de cafeeiros por hectare, ou seja 869, segundo o IBC.

TABELA IV B
ÁREA DA CULTURA COMERCIAL DA SOJA E TRIGO NAS MICRORREGIÕES
HOMOGÊNEAS DO NORTE NOVO DO PARANÁ – 1960, 1970, 1975, 1978 – IBGE

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	SOJA				TRIGO			
	1960	1970	1975	1978	1960	1970	1975	1978
	ha	ha	ha	ha	ha	ha	ha	ha
N. Novo de Londrina	15	10.960	68.785	148.812	123	11.316	43.899	87.249
N. Novo de Maringá	28	49.095	141.994	117.527	625	8.458	71.900	97.010
N. Novo de Apucarana		5.847	39.350	83.190	98	5.353	17.111	45.674
SUB TOTAL N NOVO	43	65.902	250.129	349.529	846	25.127	132.910	229.933
N. Velho de W. Braz		13	4.234	2.775	42	12	3.728	1.164
N. Velho de Jacarezinho	01	10.417	68.420	114.734	38	16.717	42.823	80.177
Algoeieira de Assaí	12	2.198	21.000	43.800	08	6.170	26.698	29.820
N. Nvmo. de Umuarama	26	39.353	56.107	55.320	25	3.640	12.782	23.373
N. Nvmo. de Paranavaí	06	3.791	13.791	7.445	10	817	2.199	6.385
TOTAL DO N. DO PARANÁ	88	122.394	413.410	573.603	696	52.483	221.140	370.852

(. . .) – Não houve produção.